



20<sup>º</sup> COLÓQUIO  
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

## LÉLIA GONZALEZ: IMAGEM E ESTILO COMO ATIVISMO POLÍTICO E SUBVERSÃO DA "BOA APARÊNCIA"

*Lélia Gonzalez: image and style as political activism and subversion of "polished appearance"*

Almeida, Juliana Yuri Igarashi Ribeiro de; Mestre; juyuri.ira@gmail.com<sup>1</sup>  
Prizão, Alba Abreu; Especialista; albaelizao@gmail.com<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho explora como Lélia Gonzalez, uma das principais intelectuais do Brasil, utilizou a moda e o estilo como instrumentos na construção de sua identidade e na luta contra a ordem racial. A pesquisa analisa como sua imagem pessoal se transformou em uma ferramenta política para afirmar a estética afro-brasileira. Isso fez de sua aparência um símbolo de resistência, servindo de inspiração para práticas contemporâneas na consultoria de imagem.

**Palavras-chave:** Consultoria de imagem; Moda ativista; Lélia Gonzalez

**Abstract:** This work explores how Lélia Gonzalez, one of Brazil's leading intellectuals, used fashion and style as instruments in the construction of her identity and in the fight against racial order. The research analyzes how her personal image became a political tool for affirming Afro-Brazilian aesthetics. This transformed her appearance into a symbol of resistance, serving as inspiration for contemporary practices in image consulting.

**Keywords:** Image consulting; Engaged fashion; Lélia Gonzalez.

<sup>1</sup>Mestre em Design pela UAM, especialista em Imagem de Moda e Styling pela FASM, graduada em Arquitetura e Urbanismo pelo FAU-MACK e complementação de estudos em Design de Moda pela FAAP. Atualmente leciona nos cursos de pós-graduação do Centro Universitário Belas Artes.

<sup>2</sup>Formada em Administração pela FEA-USP, especialista em Moda e Criação pela FASM. Atualmente leciona as disciplinas Linguagem Têxtil e Cultura de Moda Brasileira no Centro Universitário Belas Artes.



20º COLÓQUIO  
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

## Introdução

Em 2019, a ativista norte-americana Angela Davis foi ovacionada em território brasileiro. Durante uma de suas palestras, no Parque do Ibirapuera, ela surpreendeu a plateia afirmando que se sentia estranha por ser uma referência do feminismo negro para aquele público. Em sua opinião, ela aprendia muito mais com Lélia Gonzalez do que era capaz de ensinar para aquelas pessoas (MERCIER, 2020).

Lélia Gonzalez foi uma filósofa, antropóloga, professora, militante do movimento negro e feminista percursora. Começou sua atuação política na década de 1960 e é considerada uma das mais importantes intelectuais do Brasil no século XX. Sua ação foi decisiva na luta contra o racismo estrutural e na formulação da teoria de intersecção entre gênero e raça em nossa sociedade. Lélia foi uma figura enorme no processo de redemocratização brasileiro (GONZALEZ, 2020).

Além da importância de seu pensamento, Lélia era também reconhecida por um visual impactante (CARNEIRO; 2024). Na capa do livro *Por um feminismo afro-latino-americano*, ela é retratada por meio de uma ilustração: uma imagem onde seu rosto está em evidência sobre um fundo vermelho. Seus cabelos naturais estão presos em um coque alto e há uma tiara adornando o penteado. Sua blusa, em contraste com o rosto, é verde e foi estampada com grandes folhas amarelas. Os acessórios, coloridos com amarelo e azul petróleo, arrematam a composição, mostrando uma imagem maximalista. Neste retrato, cores, estampas e texturas criam uma narrativa sobre a pessoa ilustrada. Lélia fez da moda e do estilo aliados estratégicos na construção de sua identidade e no enfrentamento da ordem.

Para nós, mulheres negras, toda ação que foge do lugar de subalternidade em que o racismo nos colocou é uma postura ativista. Quando reivindico definir a minha própria narrativa e elaborar modos de produção de conhecimento que pesem, na mesma medida, a produção da intelectualidade mental e os produtos da intelectualidade manual, estou sendo ativista. Ativismo é uma postura crítica, materializada em ações individuais e coletivas que visam à mudança do curso de vida de uma comunidade ou grupo. Os ativismos e suas diversas formas de expressão intentam uma mudança prática da realidade social, no caminho da garantia de direitos humanos para todas as pessoas (BARRETO, 2024, p. 122).



**20º COLÓQUIO  
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

O estudo busca analisar como sua imagem pessoal se tornou ferramenta que extrapola sua subjetividade, possuindo ação política de afirmação da estética afro-brasileira, tornando-se símbolo de resistência e inspiração para práticas contemporâneas da consultoria de imagem.

A pesquisa foi realizada por revisão bibliográfica e análise documental. Foram consultados livros, artigos, entrevistas e registros fotográficos, além de relatos da equipe do projeto *Lélia Gonzalez Vive*, incluindo Melina de Lima e Eliane de Almeida, neta e sobrinha de Lélia, que compartilharam memórias sobre seu estilo e sua trajetória. A abordagem é qualitativa, exploratória e interdisciplinar, fundamentada nos Estudos Culturais e na Teoria Crítica Racial. Considera a moda como linguagem política e espaço de disputa simbólica sobre pertencimento e poder.

### **1. Lélia Gonzalez: desenvolvimento intelectual e branqueamento**

De acordo com a sua principal biografia, escrita por Ratts e Rios (2010), Lélia de Almeida Gonzalez nasceu em Belo Horizonte em 1935 e morreu em 1994 no Rio de Janeiro. De acordo com os autores, Lélia teve uma infância muito parecida com a realidade de outras crianças negras nascidas na década de 1930. Segunda filha mais nova de dezoitos irmãos de um casal composto por um trabalhador negro e uma empregada doméstica de origem indígena, Lélia contou com algumas aleatoriedades da vida para conseguir se firmar no campo intelectual. Sua vida não foi fácil, mas um pouco de sorte e um desempenho acadêmico acima da média a ajudaram a trilhar um caminho incomum para mulheres negras da sua geração.

Carneiro (2024) elenca evidências do excelente desempenho acadêmico de Lélia, que ao final de 1963 já possuía duas graduações completas, sendo a primeira em história e geografia e a segunda em filosofia. Além disso, dominava línguas estrangeiras como o francês e o inglês. Em um país onde 50,3% da população era analfabeta no final da década de 1950 (IBGE, 1980), ter esta formação a colocava em raro destaque, aumentando a sua autonomia pessoal e capacidade em perseguir uma carreira no meio acadêmico dominado por pessoas brancas. Lélia não seguiu o roteiro esperado para mulheres negras nos anos dourados e com seus diplomas em mãos atuou como professora em escolas e faculdades tradicionais do Rio de Janeiro e tradutora de diversas obras.



**20º COLÓQUIO  
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Apesar do sucesso na carreira acadêmica, ser mulher negra em um país escravista e com mentalidade colonial colocava Lélia em contradição. ‘Ao se inserir em uma paisagem na qual a cor da pele ia clareando à medida que se passava do espaço escolar para o acadêmico, Lélia experimentava também as exigências de se enquadrar no que se referia ao comportamento’ (RATTS, RIOS; p. 34).

Em diversas entrevistas, Lélia Gonzalez fala sobre esse processo de embranquecimento:

Eu tive oportunidade de estudar, (...) e passei por aquele processo que eu chamo de lavagem cerebral dado pelo discurso pedagógico brasileiro, porque na medida em que eu aprofundava meus conhecimentos, eu rejeitava cada vez mais a minha condição de negra (GONZALEZ, 2020, p. 286).

Nascimento (1978) compara esse processo de branqueamento citado por Gonzalez (2020) com as noções de assimilação e aculturação. Para o autor, esse processo é composto por alguns elementos: carência da memória da África e ancestrais, falta de referências adequadas sobre africanos e negros no sistema educacional brasileiro, a dominação da “estética da brancura”, ou seja, a preferência pelo modelo branco de beleza, arte e cultura que acontece junto à rejeição a tudo que se refere ao negro e ao africano, a insistência numa falsa harmonia racial no Brasil, a falsa crença na democracia racial, a limitação de espaço para a expressão política e cultural do negro, a constante reprodução de estereótipos racistas e sexistas na sociedade e por fim um desejo inalcançável de ser o outro: branco, europeu, ocidental e colonizador.

Ratts e Rios (2010, p.40) acreditam que a aceitação de Lélia em diversas instituições religiosas e militares de ensino tenham relação com esse padrão de comportamento. Ela era uma excelente professora, se sobressaía em seus estudos, reflexões e argumentações, e embora fosse uma mulher excepcional, se conformava com alguns padrões comportamentais da época. Suas roupas e sua corporalidade externavam esse processo interno de adequação.



20º COLÓQUIO  
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura1: Professora Lélia Gonzalez em formatura



Fonte: Acervo pessoal Ana Felipe em RATTI E RIOS (2010, p.41)

Na imagem acima, acervo pessoal de Ana Felipe, aluna e amiga de Lélia, mostra-se a professora Lélia Almeida na formatura do Colégio Estadual Professor Clóvis Monteiro, no subúrbio de Manguinhos. Ela usa peruca lisa e penteada, veste um vestido claro, na altura do joelho, decote discreto, acompanhados de scarpin clássico de saltos médios na mesma cor de sua roupa. Com sua mão esquerda, segura bolsa e luvas. Os trajés das alunas também refletem a mesma descrição: blusas de mangas curtas e saias também na altura dos joelhos. Quase todas as jovens estudantes, brancas ou negras, apresentam-se com perucas ou penteados lisos ou alisados.

Não surpreende que a professora Lélia tenha recorrido a esse tipo de visual, uma vez que, como afirmam Ratts e Rios (2010, p. 41), ‘No jogo das relações raciais brasileiras, a textura do cabelo é um indicador do pertencimento etnoracial. Nesse sentido, no processo de desqualificação social de pessoas negras, existe certa pressão sobre mulheres e homens para que ‘controlem’ os cabelos crespos e/ou volumosos’.

Desde a antiguidade, o cabelo tem sido uma característica marcante na representação de deusas e outras figuras femininas, carregando uma rica carga de tabus e simbolismos que moldam a identidade feminina. Segundo Ratts e Rios (2010), o cabelo juntamente com outros elementos como o vestuário fazem parte da composição da corporeidade pessoal em suas diversas leituras no espaço público e privado. Nos anos 1960, os movimentos americanos já haviam popularizados os penteados afro e o *black power*, mas muitas mulheres negras preferiram manter as técnicas para que o cabelo parecesse liso, seguindo o padrão da branquitude vigente.



**20º COLÓQUIO  
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (SOUZA, 1998, p.48).

Nesse contexto, a análise da moda dos anos 1950 e 1960 permite compreender de forma mais ampla como os padrões de branqueamento se materializavam no corpo e na imagem de Lélia Gonzalez. Ao observar suas escolhas de vestuário e estilo, é possível perceber como tais elementos dialogavam com as pressões sociais da época e, ao mesmo tempo, abriram caminhos para a ressignificação de sua identidade, conforme será discutido a seguir.

## **2. Lélia Gonzalez e a moda dos anos 1950 e 1960**

Em entrevista a Patrulhas Ideológicas (GONZALEZ, 2020, p.287), Lélia reafirma suas escolhas estéticas dessa época, declara que usava peruca, esticava o cabelo e gostava de andar vestida como uma *lady*. É impossível não associar essa expressão de feminilidade aos padrões de moda em vigência. Esse início da carreira profissional de Lélia Gonzalez se passa entre os anos 1950 e 1960, um período em que tanto o Brasil quanto o mundo passavam por mudanças culturais extraordinárias.

A década de 1950, marcada pelo clima de crise do pós-guerra, apresentou uma tendência de luxo e nostalgia. (LAVIER, 1989). Chataignier (2010, p. 133) afirma que o período redesenhou a silhueta feminina, com inspiração das imagens que vinham de Paris e Hollywood. A cintura marcada e a amplitude das saias reforçavam as formas idealizadas de uma mulher. Nesse sentido a autora acrescenta que as mulheres mais alinhadas gostavam de se vestir como *madames*, com peças bem cortadas e elegantes. A moda ainda era regida pela alta-costura e o visual era inspirava os ideais da aristocracia.

A década de 1960 representa um período de significativas transformações sociais, emergindo após os efeitos da Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, o mundo experienciou um intenso processo de reconfiguração em busca da modernidade. Este momento foi caracterizado por um ambiente cultural revolucionário, cujas repercussões foram percebidas em diversas esferas da sociedade. Por estar intimamente



**20º COLÓQUIO  
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

atrelada a cultura, a moda também foi impactada por essas transformações. Chatagnier (2010) argumenta que um dos marcos distintivos da década de 1960 foi a transformação significativa no mercado de vestuário, historicamente associado à alta-costura e às elites socioeconômicas. A partir desse período, observa-se uma transição em que o setor passou a ser amplamente influenciado pela cultura jovem. Essa mudança geracional da moda está relacionada a alta taxa de natalidade dos anos 1945 a 1965 – ‘em 1965, 5 a 10% da população mundial tem menos de 20 anos’ (BOUCHER, 2010, p.414).

Pela primeira vez, “os jovens”, como se começa a chamá-los com uma ponta de apreensão, são considerados uma categoria à parte, com ocupações, gostos e modos de vestir específicos. A moda nunca fora concebida senão para adultos, e a juventude exige roupas criadas para ela, e combinando com seu estilo de vida (BOUCHER, 2010, p.414).

No Brasil, a década 1960 ficou marcada pelo início da ditadura militar, e mesmo com toda a movimentação que acontecia em Londres e Paris, o estilo clássico que dominou a maior parte do século XX e fez sucesso na década anterior ainda ditava regras. O período ficou marcado por uma disputa de gerações. Braga (2019, p.272) analisa o embate cultural da época: enquanto os jovens iniciam uma série de transformações na moda, como a introdução da minissaia, o uso de materiais sintéticos e a popularização do consumo de roupas prontas, observa-se, como em todo processo de mudança social, um esforço das elites para preservar a ordem estabelecida. Nesse contexto, emergem no país alguns estilistas de luxo que desenvolvem uma moda autoral brasileira, ainda fortemente vinculada aos padrões das décadas anteriores.

Lélia Gonzalez, uma mulher do seu tempo, embranquecida pelo racismo também tinha o seu corpo em disputa pelas diversas forças que regiam a cultura nacional, optando por escolher roupas que transmitiam uma mensagem mais conservadora. Suas escolhas estéticas nos anos 1950 e 1960 refletiam tanto os padrões de feminilidade ditados pela moda quanto as tensões raciais de um país que impunha o branqueamento como modelo de ascensão social. Contudo, essa adesão a um estilo mais conservador não permaneceu inalterada. A década seguinte traria mudanças profundas em sua vida pessoal e em sua trajetória intelectual, marcando o início de um processo de desconstrução desse embranquecimento e de ressignificação de sua identidade, como será discutido a seguir.



**20º COLÓQUIO  
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

### **3. Mudanças Individuais e Coletivas: os anos 1970 e a desconstrução do branqueamento**

Em 1964 Lélia Almeida se casa com Luís Carlos Gonzalez e esse acontecimento catártico transforma para sempre sua vida (RATT; RIOS, 2010, p. 43). Muito além do romantismo relacionado a esse evento, o casamento libera sentimentos reprimidos pela própria Lélia, escancarando o racismo a que ela fora submetida a vida inteira. Os familiares não aceitavam que Luís Carlos Gonzalez, homem branco, filho de espanhóis, se casasse com uma mulher negra, desqualificando Lélia em todos os seus atributos. Seu relato sobre o casamento exemplificam a natureza das relações raciais e a perversidade das suas dimensões nas interações entre negros e brancos:

Mas quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. Pronto, daí aquilo que estava reprimido, todo um processo de internalização de um discurso da “democracia racial” veio à tona, e foi um contato direto com uma realidade muito dura. A família do meu marido achava que o nosso regime matrimonial era, como eu chamo, de “concubinagem”, porque mulher negra não se casa legalmente com homem branco; é uma mistura de concubinato com sacanagem, em última instância. Quando eles descobriram que estávamos legalmente casados, aí veio o pau violento em cima de mim; claro que eu me transformei numa “prostituta”, numa “negra suja” e coisas desse nível... Mas meu marido foi um cara muito legal, sacou todo o processo de discriminação da família dele, e ficamos juntos até sua morte (GONZALEZ, 2020, p.287).

Segundo Lélia, foi o marido que, interessado em questões políticas, a despertou para um mundo do qual ela vivia afastada, incentivando-a a abandonar seu processo de branqueamento e a conscientizando das causas raciais (CARNEIRO, 20024, p.14). Ele, no entanto, por diversas questões de ordem pessoal cometeu suicídio apenas um ano após o casamento. Lélia Gonzalez perde o marido, mantém seu sobrenome como uma homenagem e depois de lidar com o luto, presencia o surgimento de uma nova pessoa:

Ao escolher o sobrenome Gonzalez como marca de seu ingresso numa nova concepção de mundo, no qual o racismo se tornou um componente fundamental para seu autoconhecimento e sua compreensão da realidade, a professora nos mostra os caminhos doloridos que fizeram Lélia de Almeida, “a pretinha legal e a lady”, sair de cena para dar espaço à intelectual ativista. O confronto com a família de Luiz Carlos Gonzalez e, posteriormente, o seu suicídio, deflagraram em Lélia, segundo ela mesma, um franco processo de busca e reconstrução pessoal identitária (RATTS; RIOS, 2010, p.46).

De acordo com Ratts e Rios (1990), na segunda metade dos anos 1970, Lélia mergulhou nesse processo de discussão e elaboração pessoal e intelectual, sempre baseada na psicanálise lacaniana. Um dos conceitos



20<sup>º</sup> COLÓQUIO  
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

abordados por ela foi o de nomeação do sujeito – quando se usam determinados termos para identificar os indivíduos. O candomblé se tornou uma referência poética e imagética para Lélia Gonzalez, presente inclusive em seus textos de caráter político.

Além da sua atuação política e sua luta junto ao Movimento Negro Unido (MNU), Lélia era atenta aos movimentos culturais brasileiros. Em 1976, criou o primeiro curso de Cultura Negra no Brasil na Escola de Artes Visuais do Parque Laje. Participou ativamente do bloco de afoxé Ilê Aye, criado em Salvador, frequentava os bailes *black* e escreveu um livro sobre Festas populares no Brasil. Lélia compreendia a cultura brasileira, sendo também influenciada pelos movimentos negros de outros africanos em diáspora.

Todo esse processo de mudança contribuiu para a construção da imagem pública de Lélia Gonzalez. Seu crescimento pessoal se deu pela formação intelectual e pela afirmação de uma consciência no tocante à raça e ao gênero. Naquele tempo, pode-se dizer que Lélia passou por um processo de corporificação da consciência negra. Seu corpo demarcava uma nova *persona* pública (RATTS; RIOS, 2010, p.55)

Da pessoa que emergira dessa catarse, a mudança dos cabelos foi o primeiro sinal visível. A peruca lisa foi abandonada e os cabelos aparecem com uma textura natural, usados entre o crespo e o cacheado, com bastante volume. Lélia passa a utilizar henna – produto de cor marrom-avermelhada trazido de suas viagens ao continente africano para destacar ainda mais seus fios.

Figura 2: Fotos 3x4 de Lélia Gonzalez entre os anos 1960 e 1980



Fonte: Acervo pessoal Lélia Gonzalez. (VOGUE, 2021)



20<sup>º</sup> COLÓQUIO  
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A década de 1970, assim como a década anterior, traz as mudanças sociais que impactam diretamente a moda. Chataignier (2010, p.147) ressalta que o movimento não tem nada de alienado e que a moda é parte integrante da cultura em que está inserida, assumindo compromissos e contradições quando necessário. Ao redor do mundo, jovens buscam estilos retrô e a liberdade de expressão no vestir. Nessa década, acontece também a ascensão da questão racial na aparência, trazendo uma maior adesão aos penteados afros, aos acessórios volumosos, ao uso de estampas e às cores contrastantes.

Desde o final da década de 1960 e início da seguinte, várias mulheres negras estadunidenses, africanas e brasileiras, estiveram na frente dessas mudanças e passaram a se vestir com as chamadas cores vivas ou quentes, experimentaram vários penteados, das tranças ao cabelo *black power*, expressando sua identidade por meio da roupa (RATTS; RIOS, 2010, p. 56).

Lélia lançou mão de todas essas referências, construindo um estilo único, marcante que a acompanharia pelo resto de sua vida. Segundo Ratts e Rios (2010), Elizabeth Viana, estudante que viria a se tornar companheira de ativismo de Lélia, descreve assim seu encontro com a professora e o impacto causado por sua imagem:

A primeira vez foi no IFCS [Instituto de Filosofia e Ciências Sociais]. A primeira vez que eu tive a possibilidade de notar Lélia, e ela me notar. [...] E aí eu vinha no corredor, e eu tava indo pra uma aula, acho que era de Ciência Política. Lélia dava Ciência Política e eu cursava Sociologia [...] E aí eu cruzei com Lélia, cabelo vermelho, cabelo caju [...] numa roupa cromo lindíssima, cercada de alunos, claro. E ela vinha saindo e eu passei por ela [...] e aí eu acho que uma menina negra deve ter chamado atenção dela [...] (RATTS; RIOS, 2010, p.57).

O percurso de transformações vividas por Lélia Gonzalez na década de 1970, marcado pela reconstrução pessoal e pela afirmação de uma consciência racial e de gênero, refletiu-se diretamente em sua aparência e em sua maneira de se apresentar ao mundo. A adoção de cabelos naturais, cores vibrantes e referências da diáspora africana não foi apenas um gesto estético, mas constituiu-se como parte de sua identidade política. Essas mudanças consolidaram a imagem de uma intelectual ativista cuja presença visual se tornou inseparável de seu pensamento crítico. É nesse sentido que se pode compreender a perpetuação de seu estilo como ferramenta de resistência e inspiração, tema que orienta a próxima discussão.



20º COLÓQUIO  
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

#### 4. Resultados: perpetuação do estilo de Lélia Gonzalez

O estudo revela que a imagem de Lélia Gonzalez era ferramenta constituinte da sua persona pública. Ao longo da sua trajetória, Lélia escreveu ensaios sobre a “boa aparência” como mecanismo de legitimação do racismo, utilizado para excluir mulheres negras das oportunidades de trabalho e ascensão. Com sua capacidade crítica de analisar o passado e uma visão clara do que esperava para o futuro, a intelectual compreendeu que poderia subverter essa lógica. A herança colonial brasileira, os símbolos de poder dos povos africanos e indígenas, as marcas das ativistas estrangeiras e até mesmo a moda vigente foram combinados para a criação de um estilo único.

Figura 3: Lélia Gonzalez em visita ao Senegal.



Fonte: Acervo pessoal Lélia Gonzalez (Vogue, 2021)

A mudança é disparada por uma tragédia, mas tem em mergulho no autoconhecimento na sua base. O visual de Lélia era totalmente conectado com seus valores e ideais. Por não ser uma mudança somente visual, mas simbólica, as roupas e a corporalidade da escritora tinham um impacto imediato naqueles que a rodeavam. Em todos os textos escritos sobre Lélia, há sempre uma citação sobre a sua imagem.



**20º COLÓQUIO DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 4: Lélia Gonzalez e Benedita da Silva em viagem a Dakar em 1986.



Fonte: Acervo Pessoal Lélia Gonzalez. (VOGUE, 2021)

Como relatam Melina de Lima e Eliane de Almeida à VOGUE em 2019, Lélia ‘não se importava em estar na moda, ela fazia a sua própria’. Essa afirmação demonstra que quanto mais ela se afastava dos padrões, mais forte se tornava, externalizando os desejos de uma mulher que tomava conta do seu destino, sabendo do impacto que poderia causar ao mundo.

Analisando as imagens de Lélia anexadas a esse documento, ressalta-se algumas de suas marcas pessoais: utilização de estampas típicas do continente africano em diversas peças; cores em contraste com o seu tom de pele e também entre si; acessórios grandes e volumosos mantendo a atenção em seu rosto e corpo; peças rendadas, normalmente em tom branco, muito parecidas com o *camisu* utilizado pelas baianas e também em cerimônias de religiões de matriz africana; tecidos listrados com clara inspiração nos panos da costa, mais uma referência ao traje das baianas e dos africanos que aqui viveram no período colonial; lenço na cabeça, sua marca registrada pela repetição do uso do acessório.



**20º COLÓQUIO  
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 5: Lélia Gonzalez em viagem ao Senegal.



Fonte: Acervo pessoal Lélia Gonzalez (VOGUE, 2021)

## Considerações Finais

O presente trabalho demonstrou como a imagem e o estilo de Lélia Gonzalez constituíram-se como elementos fundamentais de sua trajetória intelectual, política e identitária. Ao longo da análise, observou-se que, nos anos 1950 e 1960, suas escolhas estéticas refletiam tanto as pressões do branqueamento quanto os padrões de feminilidade vigentes. Já na década de 1970, a partir de experiências pessoais e do engajamento político, Lélia ressignificou sua aparência, transformando o corpo e a moda em instrumentos de afirmação da negritude e de enfrentamento ao racismo estrutural.

Os resultados apontam que sua imagem pública não foi apenas um reflexo das tendências culturais de seu tempo, mas um recurso de resistência, cuja força simbólica extrapolou a esfera individual para tornar-se inspiração coletiva. Nesse sentido, o estilo de Lélia Gonzalez permanece como herança política e estética, reafirmando a moda como linguagem capaz de articular poder, identidade e pertencimento.



20<sup>º</sup> COLÓQUIO  
DE MODA

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES

11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A reflexão aqui desenvolvida reforça a relevância de se pensar a consultoria de imagem para além de fórmulas padronizadas, reconhecendo-a como prática cultural que pode valorizar narrativas individuais e coletivas, sobretudo de grupos historicamente marginalizados. Ao subverter a lógica da “boa aparência”, Lélia Gonzalez abre caminhos para compreender o vestir como gesto político, capaz de afirmar identidades e tensionar hierarquias sociais.

Por fim, este estudo contribui para o campo acadêmico e para a prática profissional ao evidenciar que a consultoria de imagem, quando orientada por uma perspectiva crítica e plural, pode se tornar ferramenta de emancipação e valorização das diferentes formas de expressão cultural. Ainda há muito a ser explorado em pesquisas futuras, especialmente no que diz respeito ao diálogo entre moda, ativismo e construção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo.

## Referências

SERRANO-BARQUÍN, C.; SERRANO-BARQUÍN, H.; ZARZA-DELGADO, P.; VÉLEZ-BAUTISTA, G. **Estereótipos de gênero que fomentam a violência simbólica: nudez e cabelos.** Revista Estudos Feministas, [S. l.], v. 26, n. 3, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/44848>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BARRETO, C. **Modativismo: quando a moda encontra a luta.** São Paulo: Paralela, 2024.

BOUCHER, F. **História do vestuário no ocidente.** São Paulo: Cosac&Naify, 2010.

BRAGA, J. **História da Moda no Brasil: das influências às autorreferências.** São Paulo: Disal Editora, 2019.

CARNEIRO, S. **Lélia Gonzalez: um retrato.** São Paulo: Zahar, 2024. Edição do Kindle.



**20º COLÓQUIO  
DE MODA**

17ª EDIÇÃO INTERNACIONAL

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES  
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

CARNEIRO, S. **Projeto memória: Lélia Gonzalez**. Brasília: Abravídeo, 2014. Disponível em: [https://www.projetolediagonzalez.com.br/site-temp/image/\\_cazperstudio/\\_pdf/fotobiografico-2024.pdf](https://www.projetolediagonzalez.com.br/site-temp/image/_cazperstudio/_pdf/fotobiografico-2024.pdf). Acesso em 25 ago. 2025.

CHATAIGNIER, G. **História da moda no Brasil**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

FANON, F. **Peles Negras, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Zahar, 2020.

HISTÓRIA PRETA: **Lélia Gonzalez: revolução interior**. [Locução de]: Thiago André. Rio de Janeiro: História Preta, 11 junho 2025. Podcast. Disponível em: < <https://historiapreta.com.br/episodio/lelia-gonzalez-2-revolucao-interior/>>. Acesso em: 28 ago. 2025.

IBGE. **Estatísticas do século XX**: Indicadores de ensino. Rio de Janeiro, 1980. Disponível em: <<https://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/busca-por-palavra-chave/educacao/660-analfabetismo>>. Acesso em: 20 ago. 2025

MERCIER, D. **Lélia Gonzalez, onipresente**. El País São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NASCIMENTO, A. **O Genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva (2016)

RATTS, A.; RIOS, F. **Lélia Gonzalez (Retratos do Brasil Negro)**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SOUZA, N. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

VOGUE. **Lélia Gonzalez e a moda: como a intelectual fez do estilo um aliado na construção da sua identidade racial**. São Paulo, 14 de abril de 2021. Disponível em <<https://vogue.globo.com/moda/noticia/2021/04/lelia-gonzalez-e-moda-como-intelectual-fez-do-estilo-um-aliado-na-construcao-da-sua-identidade-racial.html>>. Acesso em: 28 ago. 2025